

[AMANDA QUEIROZ CAMPOS]

Doutora em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Bergische Universität Wuppertal. Professora colaboradora do curso de Bacharelado em Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

E-mail: amandaqc88@gmail.com

# O espaço e o ar: os limites do corpo nas criações de moda do século XX

*Game Changers: Reinventing  
the 20th-Century Silhouette*

Curadoria: Miren Arzalluz e  
Karen van Godtsenhoven

Local e período: Mode Museum,  
Antuérpia (Bélgica). De 18 de  
março a 3 de agosto de 2016.

# FASHION GAME CHANGERS

REINVENTING  
THE 20TH-CENTURY  
SILHOUETTE

B L O O M S B U R Y

[ 237 ]

A exposição *Game Changers: Reinventing the 20th-Century Silhouette* ocupou as salas do Museu de Moda (Mode Museum) da cidade de Antuérpia, na Bélgica, entre meados de março e agosto do ano de 2016. O museu compartilha suas instalações com umas das universidades de moda mais renomadas em todo o mundo, a Royal Academy of Fine Arts Antwerp, classificada, no ano de 2016, como a quarta melhor do mundo pelo ranking do periódico digital *Business of Fashion*.

A curadoria da exposição foi desempenhada por Karen van Godtsenhoven e Miren Arzalluz. Karen van Godtsenhoven é curadora do museu desde o ano de 2009. Também jornalista de moda, já selecionou renomadas exposições de moda para o Mode Museum, com destaque para a que marcou o aniversário de 50 anos da Academia de Belas Artes da Antuérpia, *Happy Birthday Dear Academie*. Já Miren Arzalluz é historiadora e consultora de moda e atua como curadora independente após ter se dedicado como assistente de curadoria tanto no Royal Ceremonial Dress Collection quanto no Victoria and Albert Museum. Sua trajetória acadêmica dá ênfase ao estilista espanhol Cristóbal Balenciaga Eizaguirre (1895-1972) e suas audaciosas iconoclastia e silhuetas.

Na abertura da mostra, as frases dos japoneses Rei Kawakubo (1942-) – “To start from zero, to design clothes that haven't yet existed” [Começar do zero, criar roupas que ainda não existiram] – e Yohji Yamamoto (1943-) – “If you're not waking up what is asleep, you might as well stay on the beaten path” [Se você não está acordando o que está dormindo, você pode muito bem ficar no caminho batido] – anunciam o tom da exibição. *Game Changers* teve como propulsoras as criações revolucionárias que radicalizaram as silhuetas durante o século XX, garantindo liberdade de movimento e volumes arquitetônicos ao corpo.

Descrita como a árvore familiar dos inovadores, a exposição apresentou estilistas que marcaram nossa época com inovações estruturais, abordagem vanguardista para a moda e um grande experimentalismo criativo com técnicas, materiais e formas próprias que incontestavelmente alteraram os contornos dos corpos nos séculos XX e XXI. O título – *Game Changers* –, sem tradução exata para o português, expressa o caráter revolucionário dos designers cujas criações foram exibidas. *Game changer* é aquilo que produz mudança significativa nos modos de pensar ou executar algo.

Mais do que lançadores de tendências e influenciadores, eles foram agentes de mudança. Criadores que transformaram não apenas os contornos da moda, alterando a concepção e a relação das pessoas com a moda, mas também os parâmetros de gosto e legitimação do que poderia ser considerado moda, desfazendo os limites do que era estimado como de bom gosto ou atraente. A influência do quimono japonês liberou, no início do século XX, com o trabalho de estilistas como Coco Chanel (1883-1971) e Paul Poiret (1879-1944), o corpo feminino de *corsets* e espartilhos. No decorrer do século, o corpo experimentou ser envelopado pelo vestuário em vez de ser delimitado, restringido e moldado por ele.

À lógica não cronológica, *Game Changers* apresentava as criações de modo temático, não necessariamente em ordem temporal, dando ênfase às enaltecidas formas revolucionárias em relação a um processo histórico linear. Os agrupamentos enfocavam a combinação entre princípios estéticos do Ocidente e do Oriente ao mesclar, em uma mesma vitrina, as obras de designers do fim do século XX, como Yohji Yamamoto, Rei Kawakubo para a *Comme des Garçons* e Issey Miyake (1938-), com as criações de estilistas do início do século, como Madeleine Vionnet (1876-1975), Paul Poiret e Coco Chanel.

O fio que costura as diferentes formas e os estilistas, porém, é a experimentação formal e volumétrica do espanhol Cristóbal Balenciaga. Representando um momento intermediário que conecta os estilistas que o inspiraram (Vionnet, Chanel e Poiret) e que por ele foram inspirados, tais como Issey Miyake, Martin Margiela (1957-), Rei Kawakubo (de *Comme des Garçons*), Dries van Noten (1958-), Ann Demeulemeester (1959-) e Iris van Herpen (1984-). Assim, as silhuetas volumosas, simplificadas e pouco usuais de Balenciaga, resultantes da eliminação de costuras, de pesquisas sobre materiais têxteis e do desenvolvimento de novas técnicas de modelagem, alteraram os cânones

estéticos femininos baseados no protagonismo do busto e da cintura. Balenciaga, como reverberação de seus estilistas inspiradores, alterou drasticamente a morfologia da moda.

Em sua época considerado o *mestre dos mestres*, Balenciaga estabeleceu-se em Paris no ano de 1936 já com maturidade criativa e uma carreira de sucesso na Espanha. Sua primeira coleção na França, à venda na Avenida Georges V, alcançou, em poucos meses, sucesso inigualável e incontestavelmente inseriu o estilista entre os grandes criadores da moda internacional. A experiência deste que já havia aberto sete estabelecimentos de moda era visível no domínio familiar do espanhol nas relações com outros estilistas, fornecedores, compradores e clientes. Balenciaga manteve-se fiel à sua ideologia estética pessoal, a qual se fez evidente ao longo de toda sua carreira (ARZALLUZ, 2010). Por investir em formas amplas e geométricas, o espanhol foi considerado por muitos o arquiteto da moda.

Miren Arzalluz, já citada curadora da exposição e especialista no estilista, menciona a maestria de Balenciaga na citação de Violette Leduc em redação para a revista *Vogue*, no ano de 1965.

Balenciaga esculpe, pinta, escreve no ato de fazer um vestido. É por isso que ele está acima dos outros. Para criar vestidos, começando sem cessar com o mesmo modelo, o corpo, é escolher incessantemente, sem pausa ou descanso. Como respiramos para que possamos viver. Escolher é auxiliar o amorfo a respirar, dar vida àquilo que está por nascer. Neste sentido, Balenciaga é supremo. (LEDUC, 1965 apud ARZALLUZ, 2016, p.33)

[ 239 ]

A variação da forma e do foco da atenção no vestuário durante o processo criativo de Balenciaga e dos demais supracitados estilistas no decorrer do século XX pautou os diferentes momentos da visita. O formato de casulo ou barril é notavelmente associado ao espanhol em criações da década de 1940. O investimento recorrente em formatações marcantes é referido como *lealdade* a uma ideia e suas premissas estéticas. Segundo Arzalluz, esse formato, sobremaneira, liga-se às inovações de inspiração japonesa no início do século XX. Tais inovações foram evidentes principalmente nos trabalhos de Poiret, das irmãs da casa Callot Soeurs (aberta em 1895 e fechada em 1952) e de Vionnet por meio da incorporação do quimono ao vestuário feminino, conferindo-lhe um formato até então sem precedentes na alta-costura francesa. Na exibição, obras de Iris van Herpen, Sybilla Sorondo Myelzwincka (1963-) e Issey Miyake das décadas de 1990 e 2010 evidenciam que a silhueta de casulo tornou-se icônica em coleções de moda desde Balenciaga.

A forma de barril dá ênfase às costas – que consiste em outro grupo de silhuetas da exposição também influenciado pelo tradicional traje oriental, o quimono. A recusa da ênfase à cintura criou silhuetas suaves e atenuadas que se tornaram comuns na moda ocidental desde então. O enfoque dado à nuca pelo quimono, na tentativa de sugerir seu alongamento, era reforçado

com elementos na parte posterior da vestimenta, como o laço *obi* e os cabelos presos no alto da cabeça (ibid.). As costas tornaram-se o principal ponto de destaque de Balenciaga, frequentemente adornado por drapeados em cascata a partir da linha do decote sustentado, saindo dos ombros.

O foco nos ombros também foi marcante como nova silhueta para a moda tradicional. Normalmente associada à década de 1980, tal ênfase também é típica do criador espanhol sob os holofotes da mostra. Peças emblemáticas, como capas de Rei Kawakubo, Yohji Yamamoto e Issey Miyake, alteraram, como Balenciaga o fez, o espaço de movimento e as linhas do corpo feminino. Tal qual o formato inusitado, enigmático e quintessencial do círculo, representando a unidade em diversas culturas, inspirou criações como a técnica construtiva e o formato resultante. A linha reta, característica da vestimenta das *garçonnes*, influenciada pelos esportes e adotada inicialmente por Chanel, Vionnet e Jean Patou (1880-1936), era visível em André Courrèges (1923-2016), Paco Rabanne (1934-) e Rudi Gernreich (1922-1985) na década de 1960 e em Ann Demeulemeester nos anos 2000.

A gama de experimentação e adaptação de formatos inusitados, geométricos e liberais para o corpo feminino abriu caminho para o questionamento do corpo e seus limites no fim do século XX e início do XXI. Foram exibidas obras de estilistas contemporâneos considerados os inventivos e ousados no tocante à silhueta, segundo sua própria curadoria e com respaldo na crítica de moda internacional, sendo eles os já referidos: Kawakubo, Miyake, Yamamoto, Sybilla, Martin Margiela, Van Noten etc.

[ 240 ]

A mostra fez arremates entre 150 looks de alta-costura e prêt-à-porter de estilistas renomados – além de Balenciaga – com acervo de diferentes museus de moda e design: Fashion Institute of Technology (Nova York), Victoria & Albert (Londres), Municipal Museum of The Hague (Haia, na Holanda), Mude (Lisboa) e Musée Galliera (Paris). Cada um à sua maneira e em seu tempo, os agentes de mudança (*game changers*) exploraram os limites da silhueta feminina, abriram caminho para a aceitação de novas silhuetas com contornos abstratos e remodelaram drasticamente os contornos da moda na alta-costura e no prêt-à-porter, influenciando todo o sistema de produção, divulgação e consumo de moda.

Em silhuetas secas ou com volumes exagerados, em formas arredondadas ou angulosas, em três ou duas dimensões, as obras apresentaram novos recortes de corpos. Trataram da fluidez, da brisa, do espaço e do movimento. Do contato do corpo com o *travesseiro de ar* entre a pele e o tecido, criando um vestuário gentil com a pele e com o corpo. Por entre linhas retas e sinuosas, formas e volume, a partir de Balenciaga, um novo capítulo na moda foi escrito. Aquele que ultrapassou os corpos e a ideia de corpo como mero suporte. Aquele que tratou o espaço, o ar, a dinâmica como constituintes do vestuário. Aquele que fez do criar moda, criar esculturas em movimento.

Recebido em: 02/05/2017

Aprovado em: 11/06/2017

## REFERÊNCIAS

ARZALLUZ, Miren. *Cristóbal Balenciaga: la forja del maestro (1895-1936)*. San Sebastián: Nerea, 2010.

ARZALLUZ, Miren. Iconoclastic visions of the silhouette: Cristóbal Balenciaga. In: GODTSENHOVEN, Karen; ARZALLUZ, Miren; DEBO, Kaat (ed.). In: *Fashion Game Changers: reinventing the 20th-Century Silhouette*. London; New York: Bloomsbury, 2016. cap. 2. pp. 33-82.

BALDA, Ana. La simplificación como norma: territorio común de Chanel y Balenciaga. In: *Revista Datatextil*. Terrassa, v. 30, pp. 1-6, 2014. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Datatextil/article/view/276201/364137>>. Acesso em: 19 set. 2016.

GODTSENHOVEN, Karen; ARZALLUZ, Miren; DEBO, Kaat (ed.). *Fashion Game Changers: reinventing the 20th-Century Silhouette*. London; New York: Bloomsbury, 2016. pp. 33-82.

Business of Fashion. *Global Fashion School Rankings 2016*. Disponível em: <<https://www.businessoffashion.com/education/rankings/2016>>. Acesso em: 19 set. 2016.

Catálogo *FASHION GAME CHANGERS – REINVENTING THE 20TH-CENTURY SILHOUETTE*, Bloomsbury Publishing, hardback, 292 p., 200 ill. – ISBN 978-1-4742-7904-8.